

ANEXOS

CARTA DE VIÇOSA (25 de maio de 2023)

À comunidade de língua portuguesa

Tendo em mente que:

- as atuais desigualdades sociais e polarizações políticas, as persistentes crises climáticas e o racismo estrutural que atingem as diversas sociedades, tanto na América Latina como no sul da Europa, tornam urgente hoje a reflexão sobre uma educação necessariamente aberta, social e democrática, isto é, capaz de problematizar questões que afetam os cidadãos que ali vivem em perspectiva emancipatória.

- no reconhecimento da natureza histórica e social dos processos educativos, no olhar para as condições materiais e sociais em que se desenvolvem as práticas educativas, e no pensar a América Latina e o Mediterrâneo como territórios atravessados por encontros e conflitos, migrações e trocas, discriminações e acolhimentos, as universidades envolvidas refletem coletivamente sobre estes compromissos, problemas e necessidades numa perspectiva transdisciplinar, transversal e internacional.

- a educação é uma construção teórico-prática substancialmente política, isto é, capaz de gerar consciência e ação crítica e de problematizar aqueles elementos de poder existentes que insistem e determinam os vários campos da vida e da sociedade.

Participantes do *Seminário Internacional Educación emancipadora en la actualidad. Nuevas perspectivas en América Latina y sur de Europa* (23-25 de maio de 2023) promovido pela Universidade Federal de Viçosa (Brasil) e pela Universidade de Siena (Itália), em conjunto com a rede interuniversitária *Red latinoamericana para el cambio social y el aprendizaje emancipatorio*, elaboraram esta Carta, entendida como um conjunto de princípios fundamentais que inspiram sua própria ação.

A educação emancipatória é necessária para:

1. Formar sujeitos e futuros cidadãos capazes de pensar por si mesmos de forma crítica/colaborativa.

2. Pensar nas comunidades como um coletivo dialógico e inclusivo que reconheça a variedade de histórias, línguas, culturas e modos de ser.

3. Facilitar um planejamento participativo que não delegue aos “especialistas”, tornando cada ator comunitário um sujeito ativo de sua própria experiência, que em um espaço comunicativo construtivo pode contribuir para o crescimento e desenvolvimento de todos.

4. Desenvolver a consciência integral de vida e do mundo capacitando os sujeitos a analisar as contradições que condicionam os avanços dos grupos subalternos.

5. Fortalecer redes de relações nacionais e continentais por meio de trocas e experiências, permitindo o encontro entre diversas culturas no reconhecimento das práticas, lutas e resistências para enfrentar as injustiças sociais.

6. Fazer frente às ideologias que se servem de estruturas e de mecanismos de desinformação para manter as comunidades sob o controle dos grupos dominantes.

7. Proteger a escola pública e os espaços formativos informais como construções históricas e sociais capazes de fazer as novas gerações avançarem nas relações humanitárias e solidárias.

8. Defender a democracia, a autonomia das comunidades, a liberdade de pensamento e de expressão sustentadas na justiça e na boa convivência dos povos.

9. Promover o pensamento ambiental inspirado na “filosofia regenerativa”, capaz de aprofundar as práticas sociais sem a destruição dos diversos biomas mundiais.

10. Preparar as novas gerações para o “Bem Viver” como modo de existência que tenha como objetivo central a melhoria da humanidade.

11. Promover uma formação diferenciada de professores (do básico ao universitário) atentos aos processos de mudança de educandos e educandas e não apenas aos resultados alcançados,

facilitando assim um sistema de avaliação em sentido ético, educativo e relacional.

12. Permitir que as universidades experimentem um ensino inovador e centrado nos educandos e educandas.

13. Reconstruir a autonomia universitária tão arranhada pelo pensamento autoritário do neoliberalismo e das ideologias de extrema direita.

“A nós, latino-americanos, o que deve importar é a realidade. E como ela se expressa? Expressa-se fundamentalmente através das massas que vivem cotidianamente de uma forma diversa da que nós pensávamos, do que o conceito nos mostra. Devemos partir da realidade, empregar o conceito para retornar a essa realidade. Mas esse conceito tem de ser científico, ser relativo; deve nos permitir colher a criatividade da realidade - que a realidade exija a transformação do conceito e não o conceito exija a transformação da realidade”.

(Freire e Faundez, 1985)